

Sarney garante unidade de ação

O senador José Sarney afirmou ontem, em Porto Alegre, que desde quinta-feira, quando o presidente da República se filiou ao PDS, tornando-se seu fundador, o governo passou a ser solidário com a filosofia da agremiação e que, portanto, não existe qualquer descompasso entre um e outro como ocorreu no passado. "Somos um governo do partido e não um partido do governo" — explicou Sarney, dizendo ainda, que "o PDS quer construir alguma coisa nova no Brasil".

Depois de observar que "a época de exceção acabou", Sarney destacou o clima de tranquilidade em que se encontra o País: "O País vive, hoje, um clima de total abertura política e de total liberdade de expressão".

Quando a realização de eleições diretas, observou que não se trata apenas de "aspiração", mas de "um compromisso nosso". Sobre a lei Falcão, disse que "toda essa legislação que corresponde a um tempo de excepcionalidade tem de ser revista". O senador afirmou ainda: "O PDS avançará como um partido reformista, construindo o progresso dentro da liberdade".

Assim, embora entenda que "o problema substancial é a eleição direta ele ainda tem dúvidas: "O que perguntamos é o seguinte: se votarmos a emenda Lobão agora, ela poderá ajudar na consolidação dos partidos? Ou estaremos tumultuando um processo que está sendo aberto?" José Sarney prometeu que o

PDS "será realmente moderno e de grande mobilização", rejeitando a acusação de que a extinta Arena não cumpriu com o que determinava seu programa: "A Arena cumpriu com o seu dever, porque foi uma agremiação transitória. Hoje estamos vivendo outro tempo. Vamos olhar o futuro, esquecendo o passado".

Ao comentar o programa do PDS, Sarney disse estar havendo confusão em relação à proposta da co-gestão: "O que incluímos no programa é um princípio generoso da participação dos empregados nos lucros das empresas e até na co-gestão". Ao mesmo tempo condenou a intervenção estatal na área da economia: "A intervenção estatal deve ser em limites estritamente necessários".